



O ENSINO DO GÊNERO CARTA DE RECLAMAÇÃO NOS ANOS INICIAIS: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO

Lurrane Siqueira Galindo ¹
Maria Letícia de Azevedo Silva ²
Elaine Cristina Nascimento da Silva ³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar a apropriação do gênero carta de reclamação por alunos do 5º ano a partir de uma pesquisa-ação. Para isso, nos apoiamos na concepção de gênero textual como instrumento de interação que está entre o sujeito que emite o enunciado e o que o recebe (SCHNEUWLY, 2004), mostrando, assim, que toda forma de comunicação, seja ela oral ou escrita, ocorre por meio de um gênero (MARCUSCHI, 2003). A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação (DIONNE, 2007), através da qual trabalhamos em parceria com uma professora da rede municipal de Garanhuns-PE para elaborar e executar uma sequência didática envolvendo as estratégias de produção textual na sua turma do 5º ano. Os resultados revelaram que os alunos dos anos iniciais são capazes de se apropriar e produzir gêneros secundários como a carta de reclamação, desde que sejam submetidos a um ensino sistemático, e aos poucos, de suas características, que tenham acesso a bons exemplares que lhes sirvam de modelos e que tenham uma mediação adequada.

Palavras-chave: Gêneros Textuais, Carta de reclamação, Anos Iniciais, Pesquisa-ação.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade letrada que utiliza a escrita como um dos meios de interação comunicativa. Em virtude disso, é possível identificar, no nosso cotidiano, a diversidade dessas formas escritas como, por exemplo, os textos jornalísticos, as cartas, as resenhas críticas, as propagandas, entre outros. E, apesar de todas serem compostas por palavras, cada uma delas possui suas próprias características, visto que qualquer tipo de comunicação acontece por intermédio de algum gênero textual (MARCUSCHI, 2003).

Nesse sentido, observa-se que, para utilizá-lo em determinado contexto é preciso, antes de tudo, estarmos cientes das suas estruturas, propriedades e funções. Ou seja, torna-se necessário um domínio do gênero que pretendemos utilizar para efetivar uma comunicação (SCHNEUWLY, 2004). Logo, a escola tem o papel de promover, desde cedo, essa

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE, lurranesg@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE, leticiaazevedo131@gmail.com;

³ Docente do Curso Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE, elaine.silva@ufape.edu.br.



apropriação dos gêneros pelos alunos, especialmente daqueles mais formais e públicos, pois, se não for a escola mediando esse processo, torna-se difícil sua aprendizagem espontânea. Um exemplo desses gêneros é a “carta de reclamação”, usada com o objetivo de reclamar de problemas a interlocutores que nos são distantes.

Diante do acima exposto, tivemos como objetivo investigar a apropriação do gênero carta de reclamação por alunos do 5º ano a partir de uma pesquisa-ação. Esse estudo é um recorte de uma pesquisa que realizamos a partir do projeto⁴ “As atividades de produção, avaliação, revisão e reescrita textuais e suas contribuições para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos alunos dos anos iniciais: uma proposta de pesquisa-ação”. Assim, realizamos uma pesquisa-ação através de uma sequência didática envolvendo o gênero “carta de reclamação” em uma turma do 5º ano de uma escola da rede pública municipal de Garanhuns-PE.

Os resultados mostraram que os alunos são capazes de se apropriar e produzir gêneros formais e públicos e que um ensino sistemático destes reflete nos textos produzidos. Desse modo, esperamos que este estudo possa colaborar para uma melhor compreensão da necessidade do trabalho sistematizado dos gêneros nos anos iniciais.

METODOLOGIA

Utilizamos como metodologia a pesquisa-ação, por ela permitir um trabalho coletivo entre pesquisadores e participantes do contexto pesquisado (DIONNE, 2007). Nesse sentido, foram participantes deste estudo uma professora da rede municipal de Garanhuns-PE e sua turma do 5º ano, composta por 29 alunos, mas somente 24 participaram de toda a sequência didática.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos, inicialmente, a observação participante (MINAYO, 2009), através da qual identificamos que a professora-parceira não costumava trabalhar os gêneros textuais com a sua turma, nem solicitar produções de texto à moda de determinado gênero. Além disso, realizamos algumas reuniões com a professora participante para debater alguns textos relacionados ao estudo e planejar, juntamente com ela, uma sequência didática envolvendo o gênero “carta de reclamação”. E, por fim, realizamos as intervenções na turma em parceria com a docente. Dessa forma, a sequência didática foi

⁴ O projeto fez parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pelo CNPq nos anos de 2019-2020.



composta por oito atividades, as quais tiveram por objetivo desenvolver a habilidade de escrita dos alunos:

Tabela 1 – Sequência didática

Atividade 1	Apresentação da situação comunicativa aos alunos: escrita individual de cartas de reclamação para reclamar dos problemas da escola à secretária de educação do município.
Atividades 2, 3 e 4	Ensino do gênero textual “carta de reclamação”.
Atividade 5	Produção da primeira versão das cartas.
Atividades 6 e 7	Revisão e reescrita das cartas produzidas
Atividade 8	Entrega das cartas ao destinatário – Secretária de Educação.

No total, a sequência didática teve duração de 11 horas-aula. Contudo, neste artigo, vamos focar apenas nos momentos de reflexão sobre o gênero, ou seja, nas atividades 2, 3 e 4, bem como na análise das cartas produzidas pelas crianças. Na seção seguinte, apresentaremos os aportes teóricos que nos auxiliaram durante o processo.

GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTO DA ESCRITA

Devido às necessidades comunicativas dos seres humanos, sejam elas orais ou escritas, foi-se ampliando os gêneros textuais existentes na sociedade. Dessa forma, compreende-se que a função dos gêneros textuais é mediar as intencionalidades discursivas, visto que eles ficam entre o sujeito que emite uma ideia e o sujeito que a recebe. Nesse sentido, Schneuwly (2004, p. 23) afirma que os gêneros podem ser considerados como um instrumento porque “[...] eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir”, ou seja, ele servirá como uma base para as finalidades do seu escritor.

Dessa forma, ainda segundo o autor, a apropriação do instrumento (gênero) pode ser considerada como um processo de instrumentalização que produz novos conhecimentos e saberes. Observa-se, dessa forma, a importância e a função social do seu ensino desde os anos iniciais, pois toda “[...] comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (MARCUSHI, 2003, p. 22).

Contudo, salientamos que, neste estudo, estamos enfatizando o ensino da produção textual a partir dos gêneros chamados de “secundários”. Estes “[...] aparecem em



circunstância de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN, 1953/1979, p. 281 apud SCHNEUWLY, 2004, p. 29). Sendo assim, observa-se que temos como intuito ampliar o repertório do aluno, visto que, antes de entrar na escola, a criança já tem uma base, não propriamente escrita, mas na oralidade.

Esse debate se torna importante porque, segundo Santos (2007), muitas vezes, o ensino da produção de texto nas escolas se dá em torno dos gêneros denominados “escolares”, ou seja, aqueles que dificilmente saem do ambiente escolar e tem como leitor somente o professor. Sem dúvidas, esse ensino limita o desenvolvimento comunicativo crítico nos alunos, justamente por não ter uma diversidade de gêneros textuais em sala de aula.

Diante disso, compreende-se que trabalhar com gêneros secundários, objetivando a produção de texto, se constitui em uma tarefa complexa, pois o professor precisa levar em consideração o lado linguístico, cognitivo e social da escrita. Dessa forma, torna-se necessário que ele delimite quais gêneros textuais serão trabalhados na produção de textos para que, assim, possa sistematizar atividades que levem os alunos a desenvolver a apropriação deles. Nesse sentido, vamos abordar, a seguir, sobre o gênero que escolhemos para ser abordado na nossa sequência didática: a carta de reclamação.

GÊNERO CARTA DE RECLAMAÇÃO: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES

Antes de abordar sobre o gênero “carta de reclamação”, vamos, inicialmente, discorrer sobre o gênero “carta”, visto que o primeiro é um dos subgêneros do segundo. De forma mais clara, as cartas são de natureza diversa e, por isso, podem circular em diferentes contextos. Apesar de pertencerem ao mesmo gênero, cada um dos seus subgêneros possuem diferentes intenções e formas (FLORUPI, ARAÚJO e VIEIRA, 2016, p. 260).

Nesse sentido, torna-se imprescindível que o professor aborde cada elemento que deseja trabalhar na sua sequência didática. Por exemplo, nas nossas intervenções, solicitamos que as cartas de reclamação deveriam conter: a *data e o local*; o nome do *destinatário* e do *remetente*; o *alvo da reclamação*; os *argumentos* (que são as razões para defesa do seu ponto de vista); o *contra-argumento* (que seria o ato de oposição às possíveis respostas do destinatário); as *sugestões* para resolver a reclamação; a *despedida*; e, por fim, a *assinatura*.

Em relação ao trabalho com a carta de reclamação em sala de aula, torna-se possível um ensino voltado para questões sociais e políticas, visto que este gênero permite colocar os alunos frente a assuntos que antes não eram explorados pelos mesmos. Por esse motivo,



alertamos que trabalhar com a carta de reclamação necessita de situações reais, pois, como afirma Silva (2007, p. 36), “com a carta de reclamação, o aluno tem a oportunidade de desenvolver ainda mais sua habilidade de argumentar, lançando mão, por exemplo, de justificativas e contra-argumentos”, ou seja, elementos essenciais para a vida em sociedade. A seguir, vamos apresentar e discutir os resultados a que chegamos a partir da sequência didática objeto deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a apresentação da situação comunitativa aos alunos, na qual os informamos que eles iriam produzir cartas de reclamação para reclamar dos problemas da escola para a secretária de educação, iniciamos, no dia seguinte, o processo de ensino do gênero textual escolhido – **atividade 2**. O objetivo dessa aula foi apresentar um exemplar de uma carta de reclamação. Para isso, achamos necessário, além de projetá-la no Datashow, disponibilizar a versão impressa a cada aluno. Assim, com a carta em mãos, realizamos uma leitura coletiva. Obviamente, realizamos algumas pausas para enfatizar alguns aspectos importantes:

AB⁵- Aí, depois do local, “Vossa Excelência Senhor Doutor João Lemos”, estão vendo como ele foi bem educado?! “Prefeito do município de Camaragibe”. Então, essa carta foi para quem?

A⁶- Prefeito de Camaragibe.

AB- “[...] vimos através desta carta deixá-lo ciente, mais uma vez, de um dos muitos problemas que estão acontecendo em nosso bairro. Vários moradores nos procuraram com a mesma reclamação: os buracos existentes em várias ruas”. Qual é o motivo da reclamação dele?

A- Os buracos nas ruas.

AB- “[...] Esperamos, sinceramente, que nossas reclamações sejam ouvidas com mais atenção desta vez e tudo se resolva da melhor forma. Atenciosamente, Haroldo Fernandes, [...]”. Quem mandou a carta?

A- Haroldo Fernandes.

⁵ AB: Alunas-bolsistas

⁶ A: Aluno(s)



Observa-se que a nossa mediação durante a leitura coletiva os ajudou a perceber as características do gênero (destinatário, remetente e objeto de reclamação). E, com base nas respostas, percebemos que, apesar de eles não conhecerem o subgênero “carta de reclamação”, eles não apresentaram dificuldades para reconhecer/identificar esses elementos. Dando continuidade à leitura, abordamos outras características, mas, desta vez, já direcionamos o debate para as cartas que seriam produzidas por eles:

AB- ... Então, a carta de reclamação tem que ter o local e tem que ter a data. Quando a gente for escrever, a gente tem que colocar o local. Qual é o nome da nossa cidade?

A- Garanhuns.

AB- A data quando a gente for escrever e o ano que vai ser dois mil e dezenove. Aí a gente vai colocar o nome de quem aqui (apontando para o local do destinatário da carta)?

A- Do prefeito.

AB- Não!

A- Da secretária.

AB- Da secretária, colocar o nome Eliane Villar.

A partir desse recorte, observa-se que a leitura coletiva também proporcionou ricos momentos de diálogo entre os próprios alunos, uma vez que eles se ajudavam quando percebiam que seu colega não estava compreendendo. Ainda na mesma atividade, enfatizamos sobre a apresentação do remetente e a presença de argumentos:

AB- Como nós vamos nos apresentar?

A- Nós estudamos na escola Municipal XXX.

AB- Isso! Antes de dizer o nosso motivo, a gente pode se apresentar. E depois a gente vai relatar o motivo. Se for a biblioteca, podemos relatar que a escola não possui uma biblioteca ou falta uma quadra. E também falar o porquê que queremos.

Nesse momento, abordamos alguns exemplos de argumentos que eles poderiam utilizar nas cartas de reclamação.

AB- “A gente queria uma biblioteca, pois vai nos ajudar nos estudos” ou “a gente queria uma quadra porque o esporte faz bem para saúde”. Devemos explicar o motivo.

Neste trecho, alertamos os alunos de que eles também precisariam colocar argumentos em suas cartas e, para deixar mais claro, apresentamos alguns exemplos de possíveis



argumentos para ajudá-los a compreender do que se trata esse elemento. Com isso, observa-se que é necessário o professor não só realizar a leitura e a interpretação do texto, mas também explorar cada característica presente no gênero do qual ele faz parte. Podemos ver que os alunos estavam acompanhando as nossas discussões e indagações. Para finalizar essa atividade, abordamos mais um elemento do gênero, desta vez a presença de contra-argumentos, de uma despedida e da assinatura:

AB- “Sabemos que o município passa por um momento de redução de gastos, mas acreditamos que as obras neste local acarretarão em redução futura de despesas ainda maiores”, isso porque pode ter pessoas que entrem com processos por causa das peças quebradas, então, a prefeitura irá gastar mais. Aqui, ele contra-argumentou. Vocês sabem o que é uma contra-argumentação?

A- Não!

AB- É escrever algo já pensando no que o outro vai falar. Por exemplo, se a gente fosse escrever para a prefeitura “queríamos uma quadra e nem me responda que é por falta de dinheiro, pois vocês têm”, então a gente já está pensando na resposta dele, mesmo antes de ele ler a carta. Isso é um contra-argumento.

AB- E, claro, a despedida. Ele se despediu assim “Esperamos, sinceramente, que nossas reclamações sejam ouvidas com mais atenção desta vez e tudo se resolva da melhor forma. Atenciosamente...”, ou poderia ser...

A- O que é isso?

AB- “Atenciosamente”?

A- Sim!

AB- É uma forma de se despedir [...] depois, a gente mostra mais exemplos. Aqui (apontando para o local do remetente) vocês irão colocar o nome de vocês, não precisa colocar o nome da escola, vai ser o nome de cada um que está escrevendo.

Apesar de termos mencionado que os alunos conseguiram identificar alguns aspectos do gênero, observa-se que eles ainda possuíam dificuldades para reconhecer uma escrita formal. Isso fica claro na pergunta do aluno sobre o termo “atenciosamente”. Podemos inferir que isso ocorre porque eles estão acostumados a utilizar a escrita do mesmo modo que utilizamos a fala em alguns momentos informais. Esse fato nos mostra a urgência do trabalho em sala de aula com os gêneros secundários.



Já na **atividade 3**, apresentamos aos alunos outros subgêneros da “carta” como, por exemplo, carta de amor, carta de desculpas, carta de felicitações, dentre outros. Para essa atividade, dividimos a turma em algumas duplas e trios e solicitamos a leitura das diferentes cartas para que, no final, eles nos falassem qual era o seu subgênero e compreendessem que cada carta tem uma finalidade diferente.

Por fim, a **atividade 4** foi a última destinada ao ensino do gênero carta de reclamação. Contudo, antes de explicar o objetivo daquela aula, indagamos se eles se lembravam das aulas anteriores:

AB- Quem lembra o gênero que a gente vai trabalhar?

A- Carta.

A- Carta de reclamação.

AB- Exatamente, vocês lembram algumas características da carta?

A- Sim! Tem de amor, de desculpas né!

Reformulamos a pergunta:

AB- Vocês lembram o que tem que ter na carta?

A- O local, quem recebe, quem manda, o ano, o porquê.

Anotamos no quadro as respostas para evitar repetições.

P⁷- O que tem mais na carta de reclamação?

A- Tia, eu anotei cidade.

A- Apresentação, data, despedida, contra-argumentação, relatar a situação.

Foi preciso lembrar que, para ser uma carta de reclamação, torna-se necessário ter um objeto/alvo para reclamar.

Partindo das respostas obtidas, podemos inferir que os alunos conseguiram se lembrar de quase todos os elementos que compõem uma carta de reclamação. Mesmo sem usar exatamente os termos trabalhados, eles falaram do destinatário (“quem recebe”), do remetente (“quem manda”), do local (“a cidade”), da data (“o ano”), da apresentação, dos argumentos (“o porquê”), do contra-argumento, da despedida e da assinatura (“o nome”). Isso nos mostra que eles estavam engajados na sequência didática. Dessa forma, explicamos que o objetivo daquela aula seria a leitura e análise de diferentes cartas de reclamação. Assim, dividimos a turma em duplas e trios e distribuímos a cada grupo uma carta e uma ficha. Essa ficha tinha como propósito guiá-los nas análises:

⁷ P: Professora



AB- [...] a gente vai entregar uma ficha que vocês vão analisá-la de acordo com essa ficha. Tem umas perguntinhas aqui e vocês vão preenchendo de acordo com a carta de reclamação. Por exemplo, na carta de reclamação vai ter o nome do destinatário [...] aí vocês colocam o destinatário. O que é destinatário?

A- É a que recebe a carta.

P- Muito bem!

AB- [...] Aí aqui embaixo (na folha de análise) tem quem foi o remetente [...], qual é o objeto alvo da reclamação, quais os argumentos que o remetente utilizou. Vocês lembram o que é contra-argumentação?

A- Não!

A- Já está pensando no que o outro vai falar.

P- Muito bem!

AB- Isso! Quando você já pensa no que o outro vai falar (continuando a apresentação da ficha de análise), o remetente apresentou algumas sugestões? Se sim, qual? O que é uma sugestão?

A- Uma ideia.

AB- Isso! Uma ideia para resolver o nosso problema.

Durante as socializações, foi nítido perceber que a argumentação e a contra argumentação foram os elementos que os alunos sentiram mais dificuldades em identificar, o que já era esperado, visto que eles provavelmente não tiveram muito contato com outros gêneros argumentativos. Contudo, durante a explicação, foi perceptível a compreensão dos alunos sobre estes elementos. É válido mencionar que o uso da ficha foi uma ferramenta eficaz para esta atividade, uma vez que a mesma apresentava de forma clara quais os elementos que os alunos deveriam analisar.

Ao final de toda a sequência didática, analisamos as cartas produzidas pelos alunos com o intuito de observar se eles conseguiram abordar as características ensinadas nas atividades 2, 3 e 4. Nesse sentido, para proporcionar ao leitor uma melhor visualização desses elementos, iremos dividi-las em tabelas e, além disso, analisaremos a partir das classificações “sim”, “parcialmente” e “não”.

Tabela 2 – Elementos: “local”, “data”, “destinatário” e “apresentação do remetente”

Classificação	Local	Data	Destinatário	Apresentação do remetente
Sim	24	22	22	23
Parcialmente	0	2	22	1
Não	0	0	0	0

Diante disso, apesar da maioria dos alunos ter abordado quase todas as características citadas na tabela, alguns deles se esqueceram, por exemplo, de colocar o nome do destinatário (colocaram apenas “Secretária de Educação”, sem o nome dela), de colocar o ano (colocaram “Garanhuns, 07 de novembro”, sem o ano), repetiram o destinatário duas vezes, ou mesmo escreveram a data de forma não convencional (“07-11-2019”) e, por esses motivos, os classificamos como “parcialmente”. Já na tabela a seguir, abordaremos mais três elementos.

Tabela 3 – Elementos: “alvo de reclamação”, “argumentos” e “contra-argumentos”

Classificação	Alvo de reclamação	Argumento(s)	Contra-argumento(s)
Sim	24	23	4
Parcialmente	0	1	11
Não	0	0	9

Os resultados evidenciam que todos os alunos entenderam a necessidade da presença do alvo de reclamação nas suas cartas, visto que este é o elemento principal do gênero trabalhado. Em relação aos argumentos, apenas um aluno não conseguiu explicar o porquê da escolha do seu alvo de reclamação. Já os demais, deixaram claro em suas cartas quais eram as suas justificativas. Entretanto, é possível perceber que o contra-argumento foi o elemento que apenas 4 alunos souberam utilizar de forma mais explícita.

Por exemplo, um dos alunos escolheu abordar sobre a falta de uma biblioteca e como contra-argumento escreveu a seguinte frase: “E com certeza é sua responsabilidade de deixar a escola mais organizada. E nem vem dizer que é falta de dinheiro que não é”. Podemos inferir que o aluno utilizou a função do seu destinatário – Secretária de Educação – para justificar que é a função desse cargo proporcionar a todos os estudantes um ambiente organizado e com todos os materiais necessários para o ensino e aprendizagem deles. Além disso, tentou neutralizar um possível argumento da secretária de educação de que não haveria dinheiro para realizar a construção da biblioteca na escola.



Ademais, também identificamos em 11 cartas “tentativas” de construção de um contra-argumento. Por exemplo, um aluno, que também abordou sobre a biblioteca na sua carta, escreveu a seguinte frase: “Nós tínhamos uma biblioteca, mas nossa diretora optou por uma sala de aula”. Ou seja, possivelmente o aluno o escreveu já pensando que o seu destinatário poderia utilizar como argumento o fato de que a instituição não tem espaço suficiente. Todavia, o dado trazido pelo aluno reforça a ideia de que é possível tê-la novamente. No entanto, apesar de ser um bom contra-argumento, o aluno não o escreveu de forma clara, pois é preciso uma interpretação para conseguir indentificá-lo. Ademais, os 9 alunos restantes não utilizaram esse elemento em suas cartas. Por fim, apresentaremos uma tabela representando as últimas características ensinadas.

Tabela 4 – Elementos: “sugestão”, “despedida” e “assinatura”

Classificação	Sugestões	Despedida	Assinatura
Sim	19	23	24
Parcialmente	2	1	0
Não	3	0	0

Podemos observar que, dos elementos apresentados, a sugestão não foi explorada apenas por três alunos. Já na despedida, apenas um aluno foi classificado como “parcialmente”, pois utilizou em sua carta uma linguagem mais informal (“espero que goste”), mas compreendemos sua tentativa. Ademais, observa-se que todos os alunos abordaram convencionalmente a assinatura nas suas cartas de reclamação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, mediante os resultados acima, que os alunos dos anos iniciais são capazes de se apropriar e produzir gêneros secundários, desde que sejam submetidos a um ensino sistemático, e aos poucos, de suas características, tenham acesso a bons exemplares que lhes sirvam de modelos e tenham uma mediação adequada. Isto porque, os resultados indicaram que eles escreveram boas cartas de reclamação, contemplando praticamente todos os elementos do gênero ensinados na sequência didática.

Dessa forma, apontamos a necessidade de novas pesquisas envolvendo o ensino dos gêneros secundários, visto que são inúmeros os que circulam na sociedade e que merecem



atenção em sala de aula. Sem dúvidas, a realização/divulgação de pesquisas referentes ao tema só tende a apontar novos caminhos para os profissionais da área.

REFERÊNCIAS

DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Trad. Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FLORUPI, S. A.; ARAÚJO, L. C. A.; VIEIRA, R. F. S. Gênero carta argumentativa em sala de aula: uma proposta para o desenvolvimento da leitura e da escrita. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória-ES, v. 10, n. 17, p.254-273, 2016.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003. p. 19-36.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: DESLANDES, S.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (orgs). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 61-77.

SANTOS, C. F. O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros textuais. *In*: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. (orgs). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-26.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In*: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Trad. e Org). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 21-40.

SILVA, L. N. **A paragrafação em cartas de reclamação escritas por crianças**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.